Prezados alunos, prezadas alunas,

Temos conversado desde o início do semestre a respeito da elaboração dos relatórios de estágio. O modelo disponível está defasado, pois foi elaborado em 2012 e de lá para cá as disciplinas e também a carga horária do estágio foram modificadas. Esta parte da documentação do estágio de fato precisaria ser atualizada para simplificar a tarefa de elaborar os relatórios de estágio.

Em primeiro lugar, preciso relembrar algo que já disse em vários encontros que realizamos: a estrutura e o conteúdo dos relatórios dependem muito da experiência individual de cada aluno. A experiência de estágio não é homogênea e não seria possível aplicar um mesmo modelo para todos os alunos, pois isso implicaria no risco de anular justamente aquilo que mais importante para a atividade de estágio. O professor supervisor (que está na Universidade, e não na Escola) não tem condições de definir o rumo das atividades de cada um dos alunos. O ideal que nós possamos definir estes roteiros em parceria, a partir de uma discussão a respeito daquilo que foi observado por cada aluno, e não dos conteúdos que supostamente deveriam ser observados.

As disciplinas de Estágio Curricular preveem somente atividades de observação. A participação do aluno estagiário em aulas, séries de aulas ou outras programações escolares é eventual e depende de um acordo entre o aluno estagiário e os professores ou a direção da escola de ensino básico. Desse modo, o aluno não deve ser preocupar em buscar atividades práticas durante o período de estágio, ainda que elas possam ser realizadas e posteriormente descritas nos relatórios. No entanto, não existe essa obrigação. A observação é a tarefa central do estágio em filosofia.

Isso aparentemente torna as coisas mais simples. No entanto, nós temos aqui o primeiro impasse que costuma surgir durante as atividades de estágio, pois podemos nos perguntar filosoficamente o que é a observação, ou melhor: o que é observar? Nenhuma observação é neutra. Na atividade de observação do estágio, o aluno é sujeito: a escola, a aula de filosofia, o professor e os alunos são os seus objetos. Mas o aluno é afetado pelo ambiente e sua posição não é neutra: na escola ele é um visitante que prepara um trabalho para a universidade, suas observações atendem a um objetivo que está ligado ao seu curso de filosofia, e não à escola. O aluno ou aluna não têm como realizar uma observação desinteressada de tudo aquilo que observam.

Por isso me parece válido que os alunos descrevam em seus relatórios a sua perspectiva: o que sentem, o que projetam, como são afetados pelas atividades de estágio, de que maneira o convívio dentro da escola os faz pensar nas atividades da universidade, e sobretudo as dúvidas e incertezas que costumam surgir neste período (“quero mesmo ser professor?” “tenho as condições para realizar esse trabalho”, “será que o meu curso realmente está me preparando para enfrentar a realidade da sala de aula?”). Todas essas questões que vêm à tona durante o período de estágio são importantes para a formação dos alunos e das alunas, e a sua descrição é fundamental para o curso e para os próprios alunos. O relatório de estágio elaborado pelo aluno deve ser concebido como um espaço de liberdade para a descrição, não apenas das atividades objetivas do estágio como de si mesmo. (É por esta razão que as disciplinas de estágio 1, 2 e 3 não possuem nota. Nelas fica apenas registrado se o aluno cumpriu ou não cumpriu a disciplina).

Ao contrário de outras licenciaturas da EFLCH, a licenciatura em Filosofia não possui uma lista fixa de escolas parceiras para a realização das atividades de estágio: o aluno tem sempre a liberdade de escolher a escola na qual ir atuar como estagiário, e basta para tanto que esta escola seja credenciada pelo MEC. Isso garante ao curso uma enorme variedade de experiências de estágio e não é uma tarefa simples esquematizá-la em um único modelo que valesse para todos os alunos. Além disso, cada aluno imprime o seu próprio ritmo quando começa cursar as disciplinas do estágio: há quem se matricule em duas, três ou até quatro (!) disciplinas em um único semestre, mas há também outros alunos que não cursam estas disciplinas em uma sequência linear - sem contar aqueles alunos que já exerceram atividades docentes (especialmente na rede estadual pública) e tem direito dispensa do cumprimento de dois terços da carga horaria total de estágio.

Logo de saída, portanto, nós já temos pelo menos três diferentes tipos de percurso no estágio: alunos que realizam a carga horaria de estágio em um ritmo intensivo, alunos que acompanham o estágio em vários semestres e alunos que elaboram relatórios sobre a sua experiencia docente, e não sobre uma observação de estágio.

Existem, ainda, mais variações: alunos que realizam observações em duas escolas diferentes, alunos que trabalharam como docentes e realizaram observação de estágio, entre outras.

Diante desse quadro, acredito que vocês possam imaginar por quais razões os roteiros apenas oferecem indicações gerais para a elaboração dos relatórios.

O roteiro anterior abordava somente três disciplinas - Estágios 1, 3 e 4. Os relatórios de Estágio 1 e 3 eram parciais e o relatório de Estágio 4 era o relatório final.

As sugestões reunidas ali buscavam dar conta do seguinte percurso: a) Observações sobre a escola; b) Observações sobre o curso de filosofia e c) Observações sobre a aula de filosofia. O relatório 4 possui, ao menos em parte, um formato mais livre: o aluno deveria apresentar-se no texto, retraçar o seu percurso e elaborar um plano de ensino de filosofia.

As sugestões que vou apresentar agora são provisórias e, como foi dito acima, não precisam ser seguidas como um roteiro fixo e obrigatório. O mais indicado que o roteiro dos relatórios possa ser discutido individualmente com o supervisor de estágio. As sugestões que apresento a seguir são mais um complemento do que uma substituição para o modelo anterior. interessante que vocês tenham em vista o modelo antigo (mesmo que defasado) para refletir sobre o planejamento do relatório.